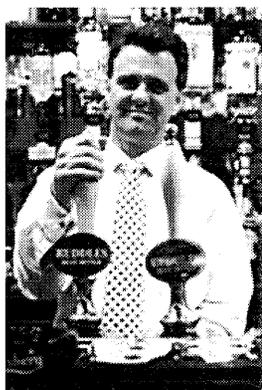


Os Jovens e o Consumo de Bebidas Alcoólicas

Maria Teresa Calvário Antunes *



Partindo da necessidade de informação acerca dos riscos do uso/abuso de bebidas alcoólicas na adolescência e juventude, a autora procura demonstrar a importância desta problemática a nível do jovem e da família. Adopta-se uma abordagem desenvolvimentista da adolescência, do álcool e dos factores que desencadeiam hábitos de beber, dos resultados de alguns estudos efectuados a nível nacional e internacional e das estratégias de intervenção a adoptar no sentido de evitar os seus riscos e/ou minorar as suas consequências.

Introdução

Nas sociedades Ocidentais temos vindo a assistir a um alargamento progressivo do período da adolescência, em parte devido à maior precocidade da idade pubertária, mas também, como resultado do prolongamento da escolaridade e conseqüente retardamento de entrada no mundo do trabalho. Não podemos, por isso, continuar a falar de adolescência como idade de transição entre a infância e idade adulta quando nos referimos a um período tão grande da vida (12 ou mais anos).

Já Margaret Mead reconheceu que a adolescência se reportava a uma fase da vida com características específicas e limites cronológicos flutuantes, variando o seu vivido e a sua duração de cultura para cultura.

É neste período adaptativo de integração no mundo dos adultos que ocorrem vários fenómenos que vamos abordar, mas onde o objecto central é o consumo de bebidas alcoólicas e seu significado na vida do jovem.

A partir dos anos 60 o álcool passa a ter uma nova forma, perversa, de consumo passando a ser utilizado como droga e generalizado o seu consumo a toda a população.

Inquéritos realizados em adolescentes sugerem que cerca de um terço continua a consumir substâncias ilegais, apesar de 90% não aprovarem o seu consumo. Mais de metade admitiu beber álcool regularmente. Assistimos assim, a elevados consumos de tabaco, álcool e outros tóxicos pelos jovens.

Os estudantes sob o efeito destas drogas diminuem as capacidades de aprendizagem, podendo mesmo haver quebra das capacidades cognitivas. Além de que, o uso de substâncias

* Professora Coordenadora da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

tóxicas pelos alunos durante o período escolar deteriora o ambiente, podendo mesmo levar os outros ao consumo.

Os jovens de todo o mundo estão cada vez mais expostos a uma grande variedade de bebidas alcoólicas e os dados estatísticos disponíveis permitem indicar que este aumento de exposição está associado a um maior risco de problemas relacionados com o álcool em pessoas jovens (BENNETT, 1989).

Deste modo, *“são diversos os significados dos comportamentos alcoólicos nos adolescentes, podendo ir de um processo de integração no mundo dos companheiros a um verdadeiro comportamento toxicomaniaco associado à utilização de drogas e à delinquência”* (ADÉS; LEJOYEUX, 1997, p. 76).

Privilegiamos o processo de desenvolvimento nesta fase da vida e mais especificamente a problemática do consumo de álcool, na medida em que a atracção dos jovens pelo risco constitui uma realidade pungente com consequências imprevisíveis, por vezes para ele próprio, com impacto familiar e social.

Adolescência e Juventude

A adolescência é o período de desenvolvimento que vai da puberdade até à maturação biopsicológica do indivíduo, período durante o qual ele atinge as características de adulto (FIGUEIREDO, 1985). É aqui que se produzem grandes modificações no pensamento do adolescente que se traduzem na construção do que Piaget chama de estruturas formais do pensamento.

Como momento crucial do desenvolvimento do indivíduo é nele que ocorrem as principais mudanças físicas, psicológicas e sociais que levam à identidade adulta.

Segundo Erikson a adolescência consiste no processo de formação de identidade e esse processo ocorre através de seis estádios de desenvolvimento psicossocial, durante os quais se dá a formação da identidade, a consciência do eu.

A adolescência assume assim, as características de um período chave onde se desenrolam

importantes alterações físicas, cognitivas, sociais e emocionais. Com efeito, iniciam-se aí vários processos simultâneos, que vão de uma maior autonomia pessoal e independência dos pais, à adaptação ao seu novo corpo, à busca da sua identidade, ao estabelecimento de relações mais fortes com iguais e às transições escolares (BIZARRO, 1991).

Pelo que, *“compreender este período transitório, descrever as linhas de força em torno das quais aos poucos se ordenará esta confusão psíquica e corporal, constitui um empreendimento árduo e perigoso”* (MARCELLI; BRACONNIER, 1989, p. 21). O jovem vê-se confrontado com tarefas psicológicas complexas a realizar no plano emocional, sexual, intelectual e social relacionadas com as alterações físicas, o estabelecimento duma relação heterossexual, a emancipação em relação aos pais, a interiorização de valores éticos e morais e a aquisição duma identidade que integrará todas estas dimensões, onde a ocorrência de hábitos alcoólicos poderá por em causa todo este processo.

Entendida a adolescência, com um conjunto de modificações a nível fisiológico, psicológico e social, que caracterizam o desenvolvimento do indivíduo, há que atender que essas alterações estão na origem de algumas crises e perturbações de várias ordens. Já Freud considerou a adolescência como um período da vida difícil e turbulento, porque o indivíduo ao crescer liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais dolorosos, ainda que um dos mais necessários resultados do processo de desenvolvimento em curso.

O jovem vive esse período descarregando as suas energias em acções imprevisíveis, por vezes com pesadas consequências para ele próprio e para os outros. Os principais riscos podem ir da incapacidade de pôr fim a esse período de crise, ao suicídio, à fuga através do álcool ou de outras drogas, à delinquência, etc.

Nesta perspectiva, a adolescência é, por si só, uma idade de risco, onde as múltiplas remodelações do sistema psíquico do jovem e a precaridade do seu sistema adaptativo aumentam a sua exposição ao risco.

A reorganização psíquica do adolescente expõe-no a manifestações comportamentais, como o consumo de drogas, a delinquência e a marginalidade.

A grande vulnerabilidade do adolescente, em vez de retracção do comportamento e do evitamento dos riscos, lança-o na busca de riscos e emoções novas. Pelo que, *“compreender este período transitório, descrever as linhas de força em torno das quais se ordena este período inquietante e confuso do jovem, constitui um empreendimento complexo”* (SANTOS, 1993, p. 133).

As características do período adolescente como um momento de crise/conflito torna-o, por isso mesmo, num vivido sempre com duplo registo. Por um lado, um momento de crescimento e permeabilidade ao apoio, por outro, um período de grande perigo, de maior vulnerabilidade à escolha de soluções mágicas e imediatas para o seu mal-estar e, é aqui que pode surgir o consumo de álcool ou outras drogas.

Neste sentido, a juventude é uma fase da vida que pode e deve ser encarada como uma construção social que decorre num determinado período de tempo e está sujeita a condicionalismos de vária ordem. Torna-se então *“necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é ser construído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens, isto é, torna-se necessário passar do campo semântico de juventude que a toma como unidade para o campo semântico que a toma como diversidade”* (PAIS, 1990, p. 151).

Álcool e Bebidas Alcoólicas

A actual problemática das drogas ilegais deixa num discreto segundo plano um problema de grande magnitude - o consumo de álcool - apesar deste ser a droga mais comum junto dos adolescentes.

O uso de bebidas alcoólicas não é recente, data de tempos imemoriais, sendo disso testemunho a arte e a literatura. Na arte são os baixos relevos,

alguns datados de vários milhares de anos antes de Cristo, que apresentam variadas cenas alusivas ao álcool. Na literatura, são também em grande número as obras onde se relatam descrições relacionadas com o uso de bebidas alcoólicas, sendo a Bíblia um bom exemplo, tal como mais recentemente, a obra de Émile Zola.

De igual modo, há séculos que os efeitos patológicos causados pelo uso de bebidas alcoólicas são conhecidos, elementos arqueológicos e bibliográficos são disso prova. Contudo, apesar do conhecimento dos efeitos do álcool remontar à Antiguidade, em cujas obras se fazia alusão aos efeitos nocivos do álcool, os fenómenos do alcoolismo eram mais ou menos ignorados.

Em 1982 a OMS refere:

“Problemas ligados ao álcool ou simplesmente problemas de álcool é uma expressão imprecisa mas cada vez mais usada nestes últimos anos para designar as consequências nocivas do consumo de álcool. Estas consequências atingem não só o bebedor mas também a família e a colectividade em geral. As perturbações causadas podem ser físicas, mentais ou sociais e resultam de episódios agudos de um consumo excessivo ou de um consumo prolongado” (citada por MELLO *et al.*, 1988, p. 12).

Apesar da longa história de intimidade do homem com o álcool, é relativamente recente a descoberta do perigo que este pode constituir para a saúde do indivíduo, pois os fenómenos de alcoolismo, eram então, mais ou menos ignorados.

Actualmente o consumo de bebidas alcoólicas deve ser visto como um fenómeno complexo onde factores de ordem social, situacional, cognitiva, fisiológica e emocional desencadeiam o comportamento de beber em excesso, ou não, o qual por sua vez reforça as consequências desse comportamento (ALBUQUERQUE; RIOS, 1989). Estas consequências atingem não só o bebedor mas também a família e a sociedade em geral, sendo as perturbações causadas de ordem física, mental ou social e a gravidade maior em indivíduos de menor idade.

Na verdade, são os factores individuais e do meio que condicionam o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, levando ou não à dependência,

variável de indivíduo para indivíduo, pois admite-se hoje que o factor genético, acompanhado dos factores fisiológicos, psicológicos e sociais, pode estar associado ao consumo.

Nesta perspectiva, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas é um comportamento patológico de determinismo multifactorial, dado que nenhuma hipótese, de ordem biológica ou psicológica o consegue explicar isoladamente (ADÉS; LEJOYEUX, 1997).

No entanto o álcool é uma droga que se encontra em situação particular porque para além de fazer parte da nossa cultura, aceitando-se o seu consumo moderado às refeições, festas e convívios sociais, tem venda livre e legal.

O saber beber é, pois, um dos factores importantes de convivialidade e, portanto de integração social. O importante é distinguir o seu uso social moderado, das relações patológicas com o álcool, consumo excessivo ou nocivo para a saúde ou dependência alcoólica autêntica «toxicomania» do álcool.

O Álcool na Vida do Jovem

O adolescente que bebe tem probabilidades de vir a ter comportamentos desviantes quando o consumo excessivo do álcool interfere com as fases normais do processo de desenvolvimento em curso. Pelo que, os jovens deverão adiar o início do consumo de bebidas alcoólicas até o mais tarde possível (nunca antes dos 16 anos) e a partir daí deverão ser encorajados a desenvolver padrões de consumo mínimos.

O consumo de álcool nesta fase da vida inscreve-se na problemática da crise existencial típica: oposição, busca de identidade, crise narcísica, momentos depressivos, morosidade e sentimentos de incerteza em relação a tudo e todos (TRIDON, 1987).

Nesta perspectiva, *“os significados dos comportamentos alcoólicos dos jovens são múltiplos devem ser interpretados em função do contexto psicológico e social, dos comportamentos de dependência associados, da existência ou ausência*

de sinais de angústia psicossocial” (ADÉS; LEJOYEUX, 1997, p. 78).

O álcool é a droga mais utilizada, ocorrendo, frequentemente, as primeiras experiências com a bebida antes ou durante os primeiros anos da adolescência, iniciando-se os primeiros contactos com o álcool nos rapazes em idade inferior à das raparigas. O consumo faz-se muitas vezes em grupo durante os fins de semana e são os cafés, as discotecas, os pubs ou as festas os locais onde se desencadeia a conduta alcoólica.

O álcool está associado à maioria das causas de morte na adolescência. Os traumatismos, os suicídios e os homicídios são responsáveis por grande número de óbitos nos jovens e o álcool está quase sempre presente. A principal causa de morte na América em indivíduos entre os 15 e os 24 anos, resulta dos acidentes rodoviários associados ao álcool (SCHYDLOWER *et al.*, 1995). Em Portugal e outros países, apesar de não haver dados estatísticos que nos permitam analisar esta situação, os números disponíveis indicam que a nossa realidade não será muito diferente.

A maioria dos adolescentes bebe cerveja ou vinho antes de passar para outras bebidas mais fortes. Mas o álcool é frequentemente utilizado com outras drogas, o que aumenta os riscos para a saúde. Segundo BENNETT (1989), a maioria dos jovens que abusa do álcool, também abusa de outras drogas.

O peso cultural, económico e social que o álcool, especialmente o vinho, tem na vida quotidiana do indivíduo é parte da explicação para o uso/abuso das bebidas alcoólicas quer pelos adolescentes, quer por qualquer outro grupo. No nosso país, como em muitos outros, beber é um acto social importante, quase sempre associado à ideia de comemoração ou convívio entre pessoas.

Na verdade, o jovem ao beber não se sente mais criança e beber faz parte do desenvolvimento adolescente. Beber não é apenas um prazer ou ocasião para conviver, é ascender a um estado adulto imediatamente reconhecível (SHANKS, 1990).

A maior parte dos jovens tem o primeiro contacto com as bebidas alcoólicas em família, junto dos pais e até com o seu consentimento e os que

têm a sua primeira experiência com álcool num bar ou café correm maior risco de se tornarem bebedores excessivos do que os que o fazem em casa.

Beber em bares ou festas, já é beber de forma diferente de beber moderado. Estes jovens vão a muitas festas porque lá há bebida e podem beber à vontade (cerca de 10% dos que bebem, bebem assim). Têm um beber diferente dos outros, bebem muito e depressa. São indivíduos com organismos especificamente sensível ao álcool. Esses jovens de 18-20 anos aumentam sucessivamente de semana para semana as quantidades que ingerem, tornando-se mais resistentes aos efeitos imediatos das bebidas alcoólicas, mas prejudicando sempre a saúde (GAMEIRO, 1987).

Processo de Consumo: Cenários Possíveis

Muitas são as explicações propostas para os comportamentos alcoólicos dos adolescentes, no entanto iremos apenas abordar algumas.

– *Pais demasiado autoritários* que dificultam aos filhos a realização de experiências que lhes permitam aprender a resolver os seus problemas podem provocar nos filhos uma atitude de dependência, e essa dependência pode levar a outras dependências.

– *Pais superprotectores* que resolvem todos os problemas dos filhos, tornam-os pouco tolerantes à frustração, às situações difíceis, e uma maneira de fugir delas, porque não as sabem resolver, nunca tiveram oportunidade de aprender, é o refúgio no álcool. Até porque já ouviram dizer que o álcool facilita, ajuda a esquecer os problemas.

– *Atitudes de abandono ou rejeição por parte dos pais*, podendo esta exprimir-se em excesso de exigência, que o jovem tem dificuldade em aguentar.

– Outro mecanismo é a *imitação*, se os pais bebem os filhos fazem o mesmo.

O consumo excessivo de álcool quando é pontual não pode ser considerado como comportamento desviante, mas a partir do momento em que se torna repetitivo o problema toma outras proporções e o alcoolismo deve ser

suspeitado. Em termos dos padrões de uso/abuso de substâncias psicoactivas pelos jovens, “*o abuso de álcool progride desde uma fase meramente experimental até uma fase em que o seu consumo é mais regular. Por definição, tal inclui os indivíduos em que o padrão de consumo de álcool é mantido ao longo de um período igual ou superior a um mês*” (SCHYDLOWER *et al.*, 1995, p.174).

Embora não se possa falar de um personalidade alcoólica específica há um certo número de traços comuns que se encontram nos jovens que bebem:

- alterações do carácter e da afectividade;
- intolerância à frustração;
- ansiedade;
- tendência depressiva e sentimento de inferioridade, perda de auto-estima, vergonha ou constrangimento em relação ao seu corpo no todo ou parte dele;
- dependência afectiva em relação a um dos pais ou ao grupo.

Contudo, apesar de muitas destas características se encontrarem nos jovens alcoólicos não se limitam a esses sujeitos, nem são suficientes para falar em personalidade alcoólica.

Correntes Psicológicas Explicativas do Comportamento do Indivíduo em Relação ao Álcool

A teoria psicanalista tenta essencialmente compreender o mecanismo da dependência. No que concerne ao álcool Freud e seus seguidores insistem na importância que têm certas tendências inconscientes na génese do alcoolismo: homossexualidade latente, auto-agressividade e, sobretudo, fixação à fase oral. O adolescente, devido as suas características psicodinâmicas, é um personalidade exposta à emergência destas tendências inconscientes. O álcool desempenha no indivíduo o papel de um *objecto substituto*, sendo o alcoolismo para os psicanalistas um sintoma, manifestação de um conflito não resolvido (MARCELLI; BRACONNIER, 1989; MELLO *et al.*, 1988).

A corrente de natureza comportamental (Watson, Skinner, Miller) “defende que o alcoolismo deixa de ter o significado de sintoma para constituir ele próprio a doença, sinónimo de comportamento inadaptado e mal aprendido, e, por conseguinte, patológico. Pela sua acção ansiolítica, o álcool, tornado agente habitual de redução de tensão e ansiedade, de produção de alívio e bem estar, constitui reforço para a persistência e repetição do comportamento alcoólico” (MELLO *et al.*, 1988, p. 18).

As definições comportamentalistas enfatizam as condições do ambiente que incitam e mantêm o comportamento de bebedor, enquanto os teóricos das interações definem a dependência como uma doença familiar dando um ênfase primário aos relacionamentos interpessoais da pessoa que utiliza o álcool ou a droga.

Mas qualquer que seja o processo de explicação de dependência, uma coisa é certa, o adolescente consumidor do álcool é sem dúvida um indivíduo com problemas na formação de identidade, logo passível de vir a ter perturbações na estruturação da personalidade.

Factores Determinantes

A consciência da dinâmica social desta problemática, os conhecimentos de ordem epidemiológica desta situação, a gradual definição de uma história natural dos problemas ligados ao álcool e multicausalidade que lhe está associada, são aspectos a que não podemos ficar indiferentes.

Com efeito, “a compreensão de uma História Natural como a do uso de álcool não poderá limitar-se ao estudo de um consumo individual ou de grupo; ele intrinca-se numa pesada carga ancestral que marca indelevelmente o sentido e o ritmo da marcha, alicerçando-se no fundo de séculos as suas raízes sócio-culturais e padrões de manutenção” (MELLO, 1992, p. 30).

Num país vitivinícola como o nosso, onde o consumo de álcool atinge largas proporções e o crescimento do consumo de álcool pelos jovens é inquietante, 80% dos jovens com menos de 15 anos

já começaram a beber (GAMEIRO, 1987), torna-se indispensável elaborar projectos de prevenção primária sobre o álcool e os problemas resultantes do seu consumo.

Em muitos países onde o grande perigo para a juventude era a droga, assiste-se hoje à tendência de substituir esta epidemia pelo álcool, sendo vários os factores que convidam ao seu consumo.

Apesar disso, ainda não se lhe atribui hoje a mesma importância das drogas ilegais e a razão poderá estar aí mesmo, na legalização, e talvez, porque não, no menor entendimento dos riscos associados ao seu consumo, com consequente diminuição de estratégias e empenhamento no seu esclarecimento e combate.

SCHYDLOWER *et al.* (1995) classificam os factores que influenciam o consumo de álcool em:

– *Factores genéticos e familiares* – A existência de antecedentes familiares de alcoolismo predispõe os jovens ao consumo. O risco dos filhos de alcoólicos virem a beber em excesso é de cerca de 25%.

Os factores genéticos e as atitudes e comportamentos dos pais relativamente ao álcool têm um papel decisivo na forma como as crianças e os adolescentes encaram o seu consumo. Se na família há hábitos de beber, o jovem tem maior probabilidade de vir a beber mais cedo.

– *Influência dos colegas* – O comportamento relativo ao consumo de álcool, que tem frequentemente origem no seio da família é reforçado por influência dos pares. Os adolescentes mais vulneráveis têm tendência a inserir-se em grupos onde as atitudes e os comportamentos são idênticos aos seus, o que pode facilitar e estimular o consumo de bebidas alcoólicas.

– *Sociedade* – Grande divulgação do consumo de bebidas alcoólicas através da publicidade e exibição em programas televisivos, onde se faz um incitamento constante ao seu uso.

- Venda de bebidas alcoólicas em locais de fácil acesso, onde se adquire gasolina, produtos alimentares e de lazer.

- Legislação ineficaz.

A mensagem transmitida pelos *mass media* é clara: as bebidas alcoólicas são essenciais à

aceitação social, representam um perigo reduzido para a saúde e são uma recompensa no fim de um dia de trabalho ou escolar, vitória desportiva, servem para criar ambiente, adaptando-se perfeitamente aos momentos de descontração.

- *Desenvolvimento do adolescente* - A sociedade considera o consumo de álcool pelos jovens um comportamento experimental normal. Beber faz parte do desenvolvimento do jovem, daí ser tolerado.

Os adolescentes que vivem estas experiências afirmam que bebem por divertimento, para serem aceites pelos colegas, para esquecer os problemas ou reduzir a tensão emocional e a ansiedade que os afecta, o que nem sempre é perigoso, pois existe um número significativo de jovens que deixa de consumir essas substâncias depois das experiências iniciais. No entanto, os jovens correm maior risco de intoxicação que os adultos devido à reduzida experiência com tais bebidas e à menor massa corporal. Além disso, o tempo que medeia a dependência é muito inferior ao do adulto devido à imaturidade.

- *Sócio-culturais*: falta de ocupação de tempos livres, pouca motivação pela vida actual, fracassos escolares e/ou profissionais, sentimentos de isolamento, grupo de iguais. A pressão de iguais tem sido referida como sendo importante, contudo, pode reflectir a tendência de se seleccionar amigos com características idênticas às suas em termos de background social e comportamental.

A partir da teoria de Cartwright e Shaw, MELLO *et al.* (1988) elaboraram um esquema que permite situar a multiplicidade de factores que em permanente interacção determinam os problemas ligados ao álcool.

Resultados de Alguns Estudos

Estudos epidemiológicos efectuados em vários países da Europa e Estados Unidos da América, indicam um aumento dos comportamentos relacionados com o consumo de substâncias tóxicas (drogas, tabaco, medicamentos e álcool), de que resultam problemas de ordem familiar, escolar, profissional, sexual, etc.

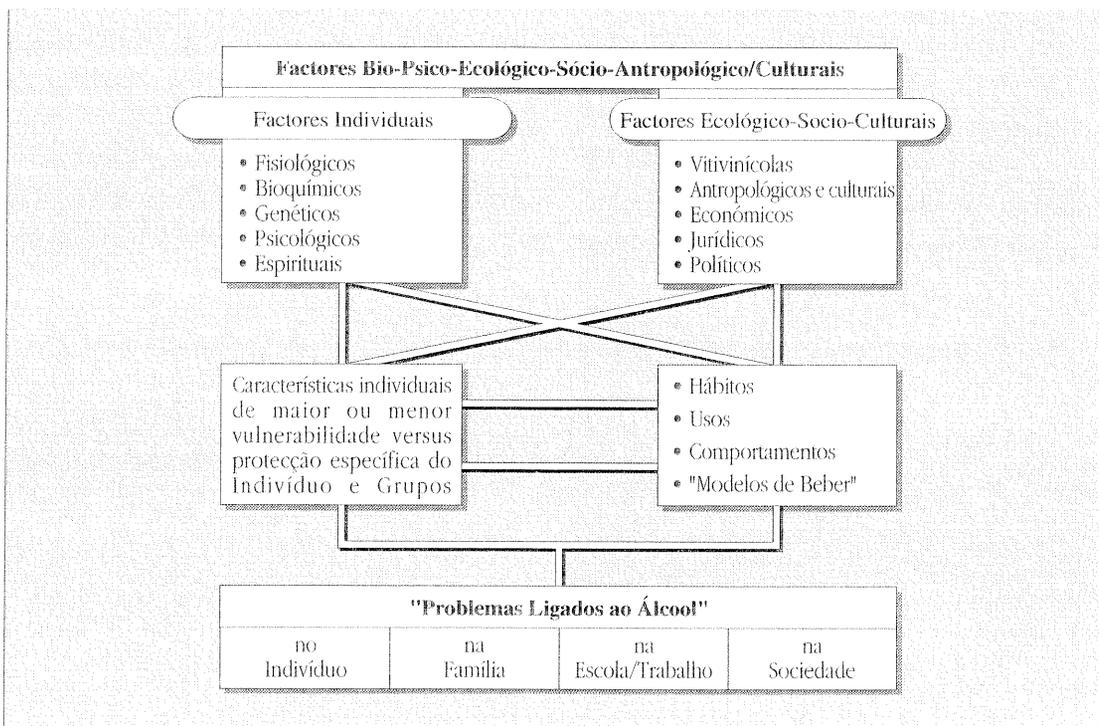


Figura 1 - Factores relacionados com os comportamentos de uso/abuso de álcool.

Os resultados de estudos nacionais e internacionais, demonstram-nos que grande número de jovens utiliza as bebidas alcoólicas com alguma frequência, quando não o devia fazer antes dos 15-16 anos, na medida em que o seu sistema enzimático não está ainda totalmente formado e o seu fígado tem mais dificuldade em eliminar o álcool, que se difunde rapidamente por todo o organismo.

A idade do primeiro contacto com o álcool ocorre antes dos 15 anos, sendo nos rapazes a média por volta dos 12 anos e nas raparigas por volta dos 13 anos.

A maioria dos adolescentes já se embriagou pelo menos uma vez, sendo a sua frequência superior no sexo masculino.

Um inquérito efectuado por Ledoux em França em 1994 e referenciado por ADÉS; LEJOYEUX (1997) revelou forte associação da acumulação dos produtos lícitos (álcool, tabaco) com o consumo de drogas ilícitas e as alterações do comportamento (fugas, absentismo escolar, violência).

Estudos feitos nos Estados Unidos da América na década de 80 revelaram que a maioria dos adolescentes já havia experimentado alguma droga e 66% consomem álcool. Mais tarde, em 1991, outros estudos confirmaram a frequente associação de toxicomania e alcoolismo praticada pelos adolescentes.

O Conselho Nacional de Alcoolismo Americano calcula que três milhões de adolescentes têm problemas com bebidas alcoólicas. Na América as principais causas de morte de jovens com idades

entre os 15 e os 24 anos resultam de actos violentos: homicídios, suicídios e acidentes. E um número significativo deles é atribuído ao álcool.

Na Alemanha 25% dos jovens entre os 12-16 anos consome regularmente álcool.

Na Suécia 56% dos rapazes e 43% das raparigas consomem álcool.

Na Rússia o contacto com a vodka dá-se entre os 15-17 anos, 33% dos alcoólicos começaram a beber antes dos dez anos e 90% antes dos 16 anos.

Um estudo efectuado em França em jovens entre os 13 e os 22 anos revelou que 86% consomem álcool e 5% bebem todos os dias, enquanto outro realizado em indivíduos com idades de 14-20 anos obteve ainda resultados mais preocupantes, 31% dos rapazes e 15% das raparigas referiram consumir álcool diariamente (SALINES, 1991).

No estudo efectuado por BARBOSA e SOUSA (1993), junto de 6059 jovens com média de idades de 13,8 anos, dos vários distritos do país, 76,5% dos inquiridos referiu já ter consumido álcool, sendo o vinho do Porto/champanhe e a cerveja as bebidas mais consumidas. O primeiro contacto ocorreu em média aos 11,5 anos, tendo-se verificado em casa e sendo os pais o seu principal indutor. Os mais novos referiram beber preferencialmente com a família, enquanto os mais velhos o fazem com os amigos. Bebem “para experimentar” e “para entrar numa boa”. Registaram-se altas prevalências de importantes ingestões diárias.

Um estudo efectuado nos doentes internados no Centro de Recuperação de Alcoólicos de Coimbra revelou que o primeiro contacto com o álcool

QUADRO 1 - Distribuição segundo a frequência de consumo de bebidas alcoólicas por sexo (1996)

Bebidas	Nunca		Ocasionalmente		Fins de Semana ou Festas		Todos os Dias	
	Mas. (%)	Fem. (%)	Mas. (%)	Fem. (%)	Mas. (%)	Fem. (%)	Mas. (%)	Fem. (%)
Cerveja	8,33	19,72	52,08	53,52	29,17	25,35	10,42	1,41
Vinho	18,75	38,03	54,17	46,48	25,00	15,49	2,08	0,00
Espumante	8,33	20,83	64,58	53,52	27,08	32,39	0,00	0,00
Licores	20,83	33,80	64,58	53,52	12,50	12,68	2,08	0,00
Aguardente	58,33	87,32	37,50	12,68	4,17	0,00	0,00	0,00
Whisky	31,25	61,97	54,17	30,98	12,50	7,04	2,08	0,00
Combinados	39,58	56,34	54,17	33,80	10,42	9,86	0,00	0,00
Cocktail's	33,33	42,25	54,17	32,39	16,67	11,27	0,00	0,00

n = 119 Masculino - 48 Feminino - 71

ocorreu em 98% dos casos na infância e o início da imoderação na adolescência em 76% dos casos.

A grande maioria dos alcool dependentes começou a descida para o alcoolismo entre os 15 e os 25 anos.

Por sua vez, os resultados dos estudos por nós efectuados em 1995 e 1996 (Quadro 1) em jovens com idades médias de 19.98 anos e 21.50 anos revelaram-nos que:

- Já ingeriram cerveja 93.39% e 91.67% dos rapazes e 80.75% e 80.28% das raparigas;
- Já consumiram vinho 77.17% e 81.25% dos rapazes e 58.00% e 61.97% das raparigas.

Ao longo dos vários estudos efectuados parece verificar-se uma frequência mais elevada da associação «álcool regular-tabaco regular-drogas ilícitas» (ADÉS; LEJOYEUX, 1997).

Deste modo, o alcoolismo da adolescência integra-se com frequência na dependência múltipla, alternando ou misturando vários tipos de intoxicações e saltando de um tóxico para outro.

Estratégias de Prevenção

Embora no nosso país não existam estudos de âmbito nacional que permitam conhecer a extensão, natureza e consequências do consumo de álcool na juventude, investigações efectuadas em outros países junto de estudantes, indicam uma tendência no aumento de consumo de bebidas alcoólicas, bem como dos problemas com elas relacionados, nos últimos anos (CARVALHO, 1989).

Assim, o álcool foi integrado na cultura adolescente e na do toxicómano, devendo ser reconhecido como uma autêntica droga e utilizado como uma «viagem ao álcool».

As estratégias destinadas a evitar os diversos aspectos desta problemática têm, forçosamente, de contemplar modelos de prevenção baseados na educação sobre os perigos destes tóxicos, fornecendo informações acerca dos efeitos nocivos, físicos e psicológicos que lhe estão associados. De igual modo devem ser contempladas as consequências legais resultantes do seu uso.

Por outro lado, deve promover-se ao máximo o envolvimento e participação dos jovens neste processo por forma a que sintam este assunto como seu e possam adoptar novos procedimentos e atitudes, isto é, estilos de vida saudável. Porque só na posse de dados que lhe permitam conhecer os reais perigos das drogas o indivíduo é capaz de tomar decisões responsáveis.

Assim, a prevenção do uso/abuso de álcool deve iniciar-se o mais precocemente possível, evoluindo numa forma continuada e progressiva, tendo em vista a adopção de atitudes e comportamentos adequados. Porque dadas as características da adolescência, período de múltiplas e variadas transformações, a vulnerabilidade às drogas e a outros problemas de comportamento leva à busca de prazer imediato, pelo que urge ajudar os jovens, através duma informação eficaz, a viver sem estas substâncias.

Ensinar os indivíduos desde cedo a “*saber beber*”, “*quando beber*” e “*onde beber*” – aprendizagem do beber social moderado: não beber para resolver problemas, beber pausadamente, diluir as bebidas alcoólicas, não beber fora das refeições e muito menos em jejum.

Diminuição da oferta, medidas de interações ligadas à produção, distribuição e venda (regras de controle na produção e comércio, publicidade, legislação).

Segundo MELLO; PINTO (1989) não é possível agir contra atitudes culturais com leis ou regulamentos impostos, a alteração de atitudes e comportamentos passa forçosamente por um processo educativo longo e contínuo. Com efeito, a informação é o meio mais eficaz na transmissão de conhecimentos sobre esta temática. Deve ser ajustada a quem se destina e ter em conta os seguintes aspectos:

- *Informação aos pais*, consciencializando-os para a importância da sua actuação como modelos de identificação e sensibilizá-los para os perigos do álcool.

- *Informação ao grupo escolar ou profissional*, alertando para o perigo que o álcool representa nos resultados escolares e na “performance” do trabalho e segurança do trabalhador.

– *Informação geral da comunidade*, desmitificação do álcool — mass-media papel activo nos Programas Integrados de Prevenção de Educação para a Saúde.

– *Informação na Escola desde a primária à universidade*. A escola é o local privilegiado para introduzir estratégias de prevenção, incluindo nos currículos de várias disciplinas temas relacionados com o álcool e outras drogas e seus efeitos nocivos. Formar os professores para que possam intervir baseados em conhecimentos seguros.

Implementar jornal escolar onde se tratem estes temas, concursos literários, actividades de tempos livres e outros.

– *Torna-se então necessário:*

Mudar o Comportar-se



Mudar o Pensar



Mudar o Sentir

... Para que tenhamos jovens esclarecidos e capazes de tomar atitudes responsáveis.

Síntese Final

Partindo do conceito de adolescência e das principais alterações que estão associadas a este período de desenvolvimento, debruçamo-nos sobre os conceitos de álcool e alcoolismo, bem como dos factores associados ao seu consumo e analisamos alguns resultados de estudos efectuados a nível nacional e internacional acerca do consumo de álcool na juventude.

Dadas as características deste período de vida do indivíduo onde ocorrem alterações nas relações sociais, o indivíduo passa a estar mais com o grupo que com a família, o acesso ao álcool é mais fácil e a família deixa de ter controle sobre o jovem. Com efeito, é a partir daqui que o risco aumenta, sendo os factores que levam ao consumo de álcool psicológicos, familiares e sócio-culturais.

A adolescência, como período de vida marcado por uma certa instabilidade, constitui um período de peculiar vulnerabilidade para o início do uso de drogas incluindo o álcool.

Entre nós tal como noutros países o consumo de álcool nos adolescentes é preocupante, assistindo-se mesmo a uma tendência crescente para um maior consumo.

O álcool conserva a imagem de convivialidade, de prazer, da arte de viver e de receber, acentua acontecimentos felizes, os encontros entre amigos e está presente em todas as festas.

Os pais têm notoriamente um papel de iniciadores e o álcool simboliza a aceitação no mundo dos adultos. Daí ser sobretudo junto da família que se devem desenvolver campanhas de sensibilização e informação sobre o risco de utilização destas substâncias.

A combinação dos factores familiares com os ambientais parece interagir com o uso/abuso de álcool, constituindo o grupo de iguais papel preponderante.

O álcool é, inequivocamente, a droga mais comum junto dos adolescentes, embora se continue a dar-lhe menor importância que às drogas ilegais.

O stress, a ansiedade e as tensões a que está sujeito o jovem levam-no ao consumo como forma de fugir à realidade e ter a ilusão de ser feliz.

A escola conjuntamente com a família são os locais de eleição para prevenção dos excessos de álcool na adolescência, pelo que o sistema educativo deve contemplar no currículo de várias disciplinas este tema e participar activamente na prevenção contra os riscos do álcool e outras drogas.

Bibliografia

ADÉS, Jean; LEJOYEUX, Michel – *Comportamentos alcoólicos e seu tratamento*. Lisboa: Clinepsi Editores, 1997.

ALBUQUERQUE, A.; RIOS, F. – Beber moderado: alguns aspectos clínicos. *Psiquiatria Clínica*. Coimbra. 2, 1995. pp. 95-98

BARBOSA, A.; SOUSA, B. A. – População juvenil e as bebidas alcoólicas: consumo e atitudes. *Revista da Sociedade Portuguesa de Alcoologia*. Coimbra. 3, 1993. pp. 9-47

BENNETT, G. – Problemas de bebida en personas jóvenes. In BERNAD, R. – *Alcoologie Clinique*. Paris: Flamarión, 1989. pp. 232-246

- BIZARRO, L. G. – Stress na adolescência: considerações teóricas e implicações práticas. *Psicologia*. Lisboa. 2, 1991. pp. 197-201
- CARVALHO, J. N. – Avaliação de um programa sócio-afectivo de prevenção de abuso de álcool e drogas na adolescência. *Psicologia*, Lisboa. 2, 1989. pp. 191-200
- FIGUEIREDO, E. – *No reino de Xantum - os jovens e o conflito de gerações*. Porto: Ed. Afrontamento, 1985.
- GAMEIRO, A. – Estratégias de prevenção do alcoolismo feita por organizações de jovens. In GAMEIRO A. *et al.*, *Liberdade de beber e de não beber*. Mem Martins: Ed. Hospitalidade, 1987. pp. 81-87
- MARCELLI, D.; BRACONNIER, A. – *Manual de psicopatologia do adolescente*. São Paulo: Artes Médicas, 1989.
- MELLO, M. L. M. *et al.* – *Manual de alcoologia para o clínico geral*. Coimbra: Ed. Delagrangue, 1988.
- MELLO, M. L. M. – Considerações sobre a história natural da doença alcoólica em Portugal - Uma contribuição para o seu estudo. *Revista da Sociedade Portuguesa de Alcoologia*. Coimbra. 1, 1992. pp. 29-35
- MELLO, M. L. M.; PINTO, A. P. – Aspectos gerais da prevenção dos problemas ligados ao álcool pela educação. *Colóquio sobre alcoolismo*. Coimbra: Fundação Bissaya Barreto, 1989. pp. 150-155
- PAIS, M. P. – Álcool e saúde mental. *Revista da Sociedade Portuguesa de Alcoologia*. Coimbra. 1992. pp. 21-27
- SANTOS, N. – Adolescência - aspectos gerais. *Psiquiatria Clínica*. Coimbra. 2, 1993. pp. 133-137
- SCHYDOWER, M. *et al.* – Uso e abuso de álcool: um problema pediátrico. *Pediatrics*. Barcelona. 3, 1995. pp. 173-178
- SCHYDOWER, M. *et al.* – O papel das escolas no combate ao consumo de tóxicos. *Pediatrics*. Barcelona. 5, 1995. pp. 289-291
- SKANKS, J. – L'alcool et les jeunes. *Forum Mondial de la Santé*. Genève. 3, 1990. pp. 255-261
- TRIDON, P. – L'enfant, l'adolescent et l'alcool. In BARRUCAND, D. – *Alcoologie*. 4ª ed.. Nancy: Editor, 1987.